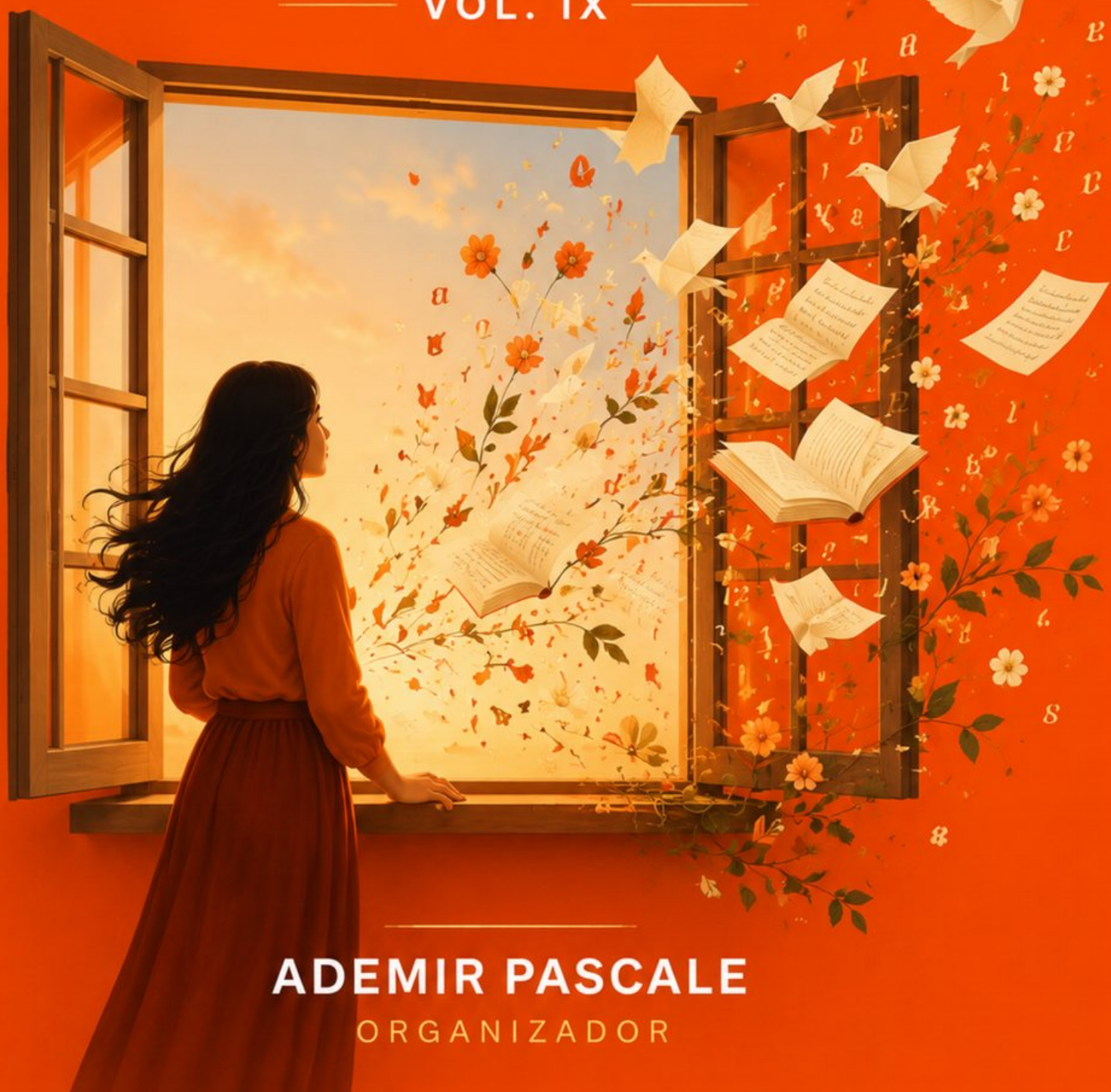


ANTOLOGIA NACIONAL

UNIVERSO DA POESIA

VOL. IX



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-29167-2
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

JANELAS DO DIÁLOGO, POR ADRIANO ROSA DA SILVA, PÁG. 05
POEMA LIGEIRO, POR MUCIO OLIVEIRA, PÁG. 09
NOITE ADENTRO, POR DARLENE MELEIRO, PÁG. 11
PINTURA DE MAÍRA, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 13
DEPOIS QUE AS MÃOS DESAPARECEM, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 16
POESIA SIMPLES, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 19
DESAFIOS ATÉ O MAR (TEMPO DE CRISE), POR DU DE CARAÍ, PÁG. 22
AINDA QUE..., POR ELIANE VARISTO, PÁG. 24
A ESPIRAL DA MENTE, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 26
OBSESSÃO, POR LARISSA BAPTISTA, PÁG. 28
MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... I - MARIANAR - A CHEGADA, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 30
MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... II - MARIANAR - A CIDADE, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 34
MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... II - MARIANAR - GENTE, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 38
MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... IV - MARIANA - MARIANAR, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 42
MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... V - MARIANA - SURREAL, POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 46
ESPELHO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 50
MUNDOS, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 52
PAZ, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 54
AS FLORES NÃO FALAM, POR ROSA MARIA, PÁG. 56
DESEJOS, POR SANDRA GRIPPI, PÁG. 58
É PRECISO DESCANSAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60
VIAJANTE TEMPORAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 62
E SE MULHER FOSSE TRADUZIDA..., POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 64
É JOGO?, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 66
POÉTICO ENTRELAÇO DE AMIZADE, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 69
DO INQUIETANTE CAOS À INCOMPREENSÍVEL INVEJA, POR VÂNIA MEDINA, PÁG. 72
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 76

ANTOLOGIA NACIONAL
UNIVERSO DA
POESIA

— VOL. IX —

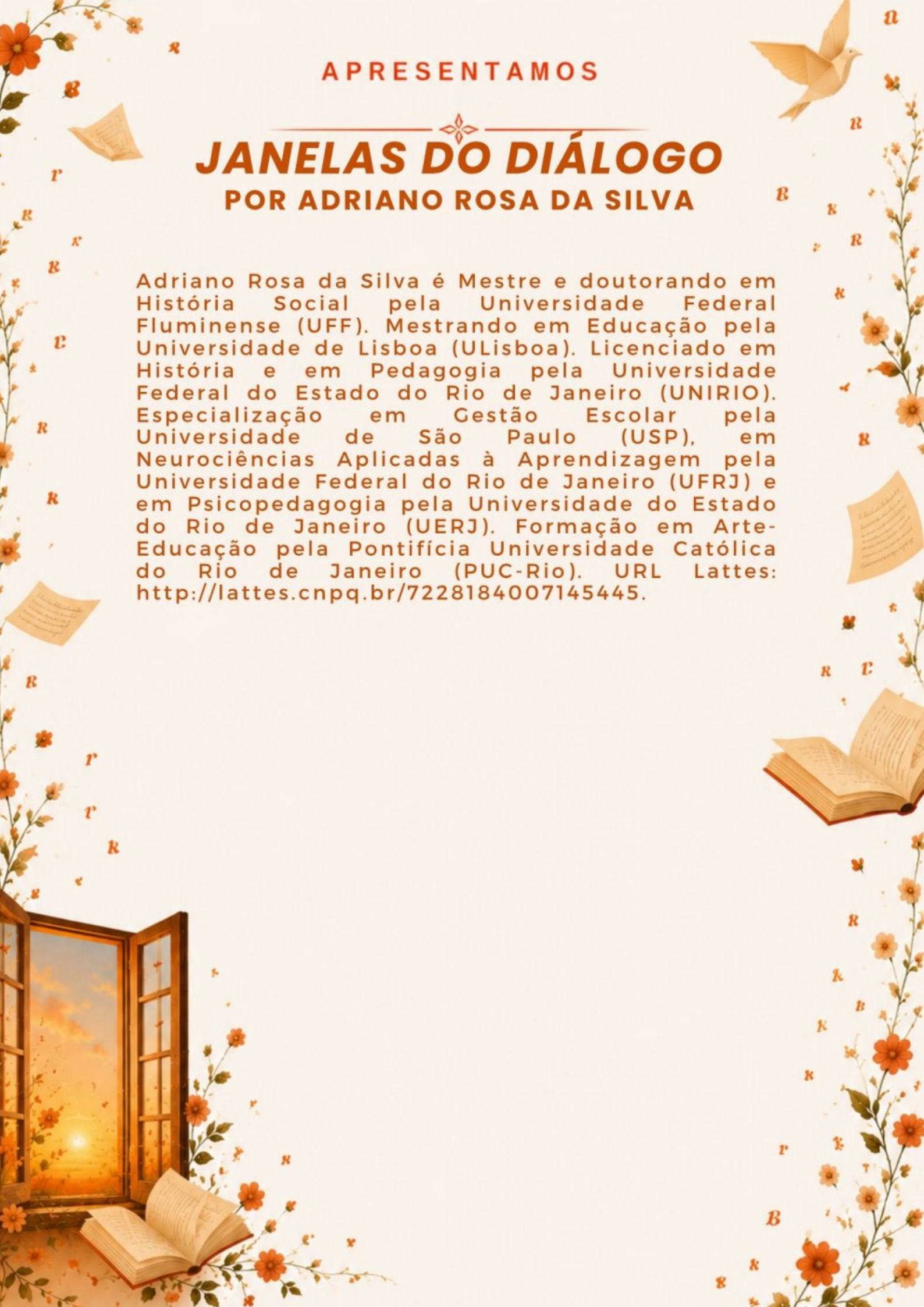
ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

APRESENTAMOS

JANELAS DO DIÁLOGO

POR ADRIANO ROSA DA SILVA

Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



Há uma escola que sonha acordada,
nem sempre escutada, por vezes calada.

Entre reuniões, papéis e decisões,
há vozes perdidas em tantas versões.

Dizem que ouvir é abrir uma porta,
mas ouvir de verdade é bem mais que resposta.

É deixar que o outro floresça no olhar,
é permitir que também possa transformar.

Não basta chamar para participar,
se o rumo da estrada já veio a traçar.
O diálogo vive quando o encontro acontece,
e cada presença o caminho aquece.

Buber nos lembra, com calma e ternura:
o humano floresce na própria abertura.
No "Eu" que encontra um sincero "Tu",
nasce um horizonte que sempre é azul.

Freire semeia palavras ao vento,
que brotam em gesto, coragem e alento.
Ensinar e aprender, num mesmo compasso,
é fazer da esperança um firme abraço.

A gestão não se mede somente em papel,
nem vive aprisionada, sentenciada como um réu.

Ela mora na escuta, no gesto, na mão,
que acolhe o coletivo em sua construção.

Quando a escola caminha de forma partilhada,
cada voz descoberta ilumina a jornada.

Conselhos, projetos, encontros, saberes,
tecem democracias em pequenos fazeres.

Há tempos em que o mundo insiste em correr,
contando resultados, sem tempo de ver.
Mas a pressa não aprende o valor do ficar,
nem conhece a beleza de um bom conversar.

Porque toda mudança começa no entre,
nesse espaço invisível que pulsa na gente.
É ali que a palavra encontra morada,
e a esperança renasce, paciente, sem nada.

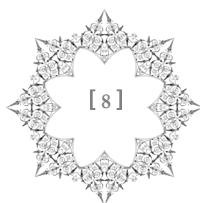
Que a escola seja ponte, nunca fronteira,
que a escuta inaugure uma nova maneira.
Que ninguém seja número, função ou papel,
mas seja presença que irradia do céu.

Quando o silêncio encontra acolhida,
também faz parte da conversa vivida.
Nem toda palavra precisa soar,
há gestos que sabem melhor dialogar.

E que cada escola, em seu caminhar,
descubra no encontro um jeito de ensinar.
Pois onde há escuta, respeito e partilha,
o futuro desponta, acendendo a chama da vida.

E se a gestão quiser realmente florescer,
que aprenda, primeiro, a simplesmente ver.
Pois quem olha o outro com sincera emoção
faz do diálogo a mais bela lição.

Assim seguem abertas as nossas janelas,
entrando perguntas, memórias e esperas.
Porque educar é encontro, caminho e abrigo,
é descobrir no outro o que de melhor trago comigo.

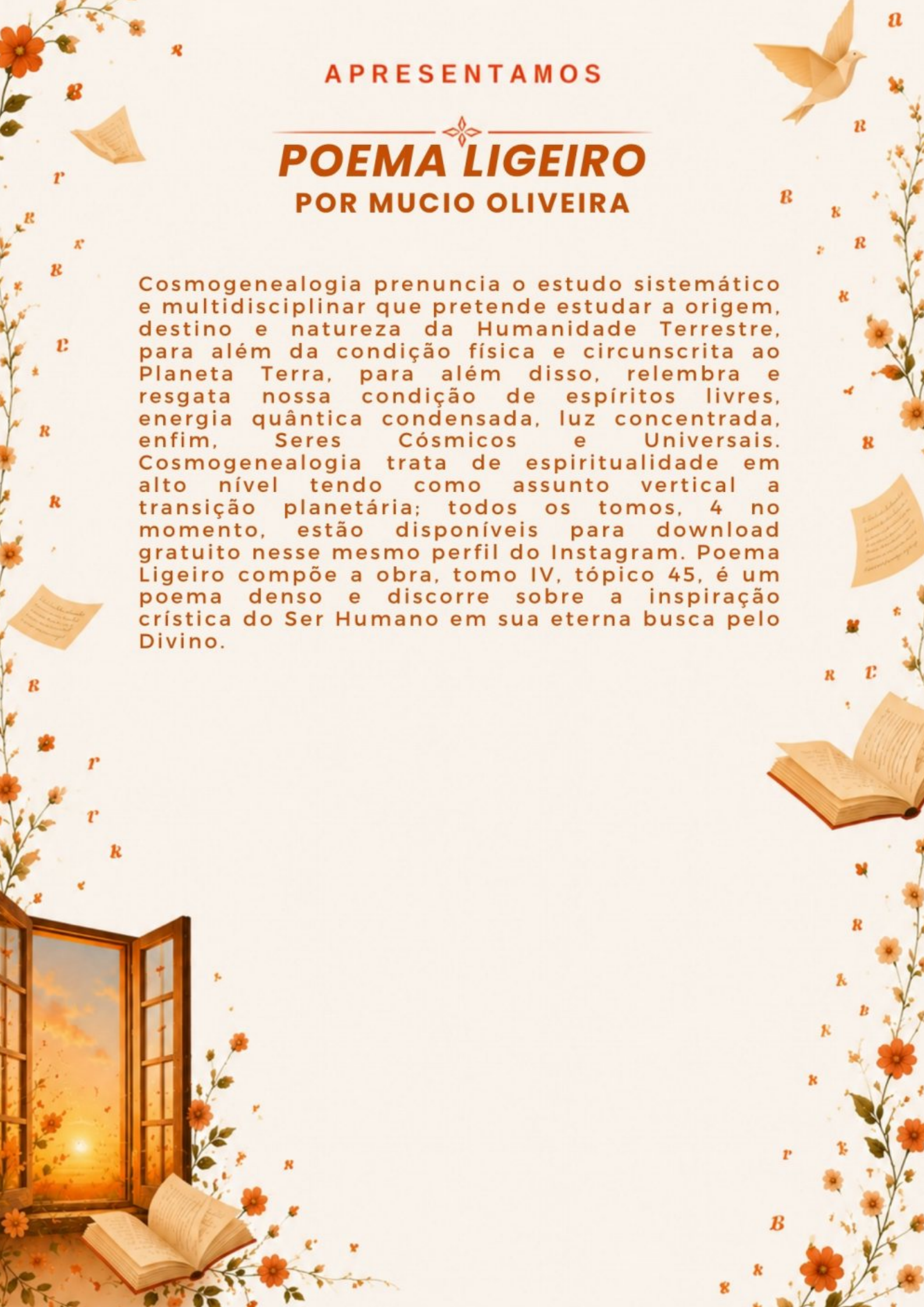


APRESENTAMOS

POEMA LIGEIRO

POR MUCIO OLIVEIRA

Cosmogenealogia prenuncia o estudo sistemático e multidisciplinar que pretende estudar a origem, destino e natureza da Humanidade Terrestre, para além da condição física e circunscrita ao Planeta Terra, para além disso, relembra e resgata nossa condição de espíritos livres, energia quântica condensada, luz concentrada, enfim, Seres Cósmicos e Universais. Cosmogenealogia trata de espiritualidade em alto nível tendo como assunto vertical a transição planetária; todos os tomos, 4 no momento, estão disponíveis para download gratuito nesse mesmo perfil do Instagram. Poema Ligeiro compõe a obra, tomo IV, tópico 45, é um poema denso e discorre sobre a inspiração crística do Ser Humano em sua eterna busca pelo Divino.



I

Vá filho meu, segue adiante, alegre, contente
A vida às vezes é um conjunto de mil nada, eu sei
Essa estrada Eu mesmo atravessei
Mas olhe atrás e veja, não é rua de pequeno vilarejo
É a própria estrada da vida, como canta o sertanejo

II

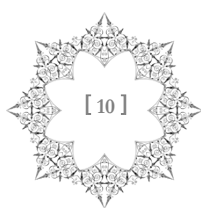
Vá filho meu, valoroso combatente, és meu soldado fiel
És ao mesmo tempo, o buril e o cinzel
A esculpir a própria face do bruto granito duro
Cada golpe é uma dor, da ferida a própria atadura
Retira assim o hostil e mostra seu riso ao céu

III

Vá filho meu, embainha a espada, sossega seu facho
Eis que é finito seu trabalho, recolha seus cachos
Coloque tudo na pedra de lagar, é hora de tudo largar
Pisa nas uvas com seus pés desnudos e sua alma pura
Espreme o sumo da vida, foi rica sua semeadura

IV

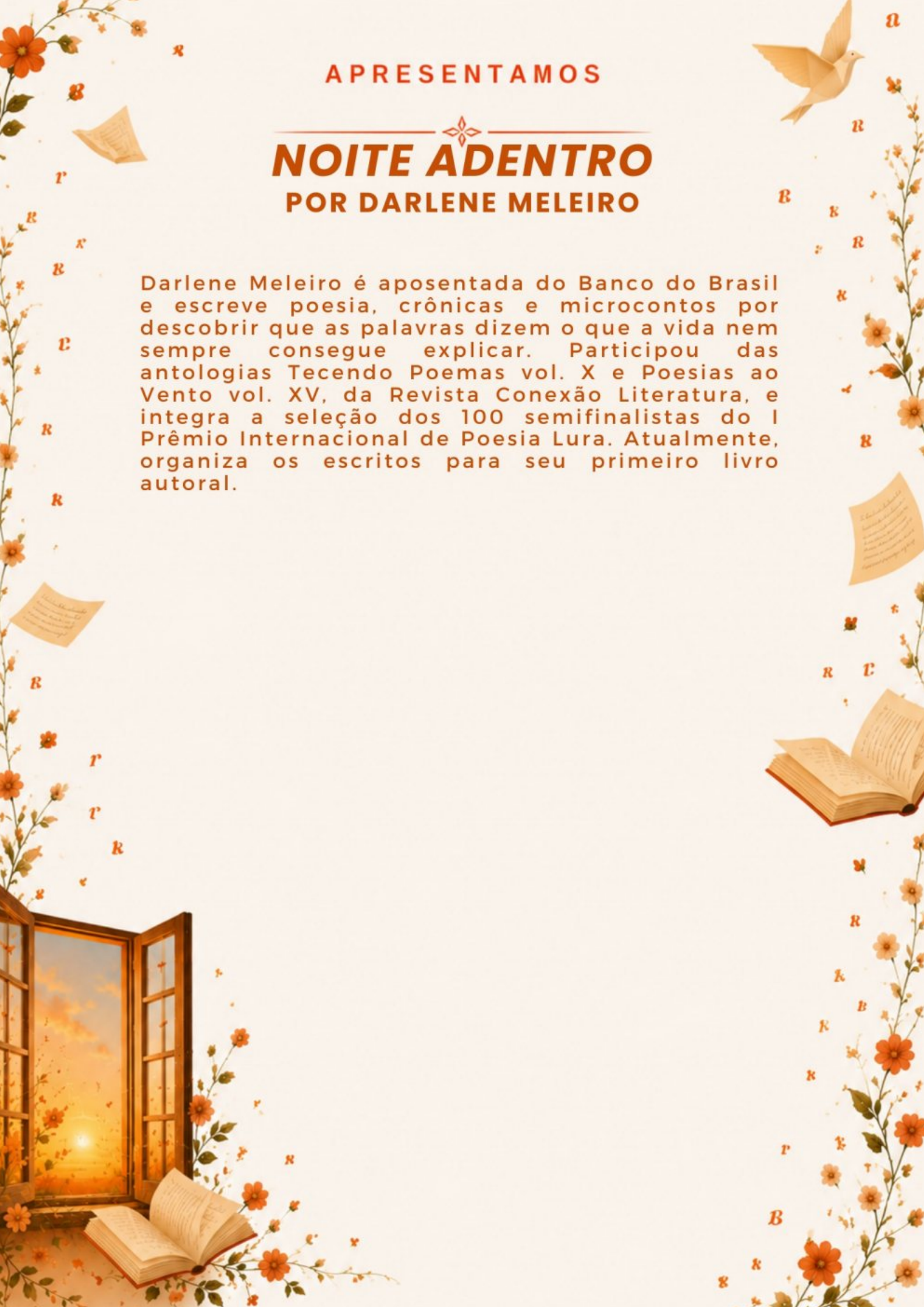
Venha filho meu, se achegue, toma seu lugar à mesa, você é meu conviva
Agora é hora da fartura e do regalo da ceia que vos prometi
Tamanho banquete é o selo do meu tabernáculo eterno entre mim e ti
Estende tua taça, enchê-la-ei com o vinho da Vida
Enverga a túnica da Paz, é disso que no reino de Deus apraz



APRESENTAMOS

NOITE ADENTRO
POR DARLENE MELEIRO

Darlene Meleiro é aposentada do Banco do Brasil e escreve poesia, crônicas e microcontos por descobrir que as palavras dizem o que a vida nem sempre consegue explicar. Participou das antologias Tecendo Poemas vol. X e Poesias ao Vento vol. XV, da Revista Conexão Literatura, e integra a seleção dos 100 semifinalistas do I Prêmio Internacional de Poesia Lura. Atualmente, organiza os escritos para seu primeiro livro autoral.



É noite alta,
silêncio nos prédios,
nas ruas.

Será que todos dormem?
Ou muitos,
só deitados insones,
esperando?

E enquanto esperam,
os pensamentos brincam:
rodopiam,
correm,
se escondem,
voltam em algazarra.

Corpo e mente,
como animais presos
num quarto pequeno

O sono sussurra caminhos,
a mente acende sombras.
Um promete descanso.
A outra controla

E seguem assim,
numa longa jornada
noite adentro.



APRESENTAMOS

PINTURA DE MAÍRA

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



Menina de pés descalços,
tinta nos dedos,
horizontes nos olhos.
Quem a vê diante da tela
talvez pense que brinca.
Mas há mundos nascendo
no silêncio de seus gestos.

As cores chegam primeiro.
Ela as recolhe do vento,
das memórias,
das pequenas coisas
que passam despercebidas.

Depois mistura azuis e ausências,
amarelos e manhãs,
vermelhos guardados
no coração dos instantes.

Seu pincel não apenas desenha.
Escuta.

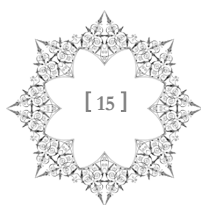
Traduz para a tela
aquilo que as palavras,
muitas vezes,
não conseguem alcançar.

E então surgem céus,
caminhos,
paisagens inteiras respirando
sobre o branco que antes era espera.

Há algo de raro em sua arte:
ela não retrata o mundo.
Ela o devolve
mais sensível.

Por isso cada quadro parece guardar
uma história querendo ser contada.

E se Maíra fosse escritora,
talvez chamasse cordel
o céu que inventa.
E cada tela seria apenas
uma história
que aprendeu a florescer
sem palavras.



APRESENTAMOS

**DEPOIS QUE AS MÃOS
DESAPARECEM**
POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



Abraço é laço.
Mas laço que acolhe.
Não nó apertado na garganta,
não corda medindo distâncias,
não peso amarrado ao peito.

Abraço é passagem.
Nó é ausência.
É a cadeira vazia à mesa,
a palavra que perdeu o caminho de volta,
o retrato que o tempo desbota
sem pedir licença.

O abraço permanece.
Mesmo quando a casa muda de voz,
mesmo quando os passos se calam
nos corredores da memória.

Há gestos que continuam existindo
depois que as mãos desaparecem.

O abraço é um deles.
Fica dobrado entre as lembranças,
guardado onde o esquecimento
não alcança.

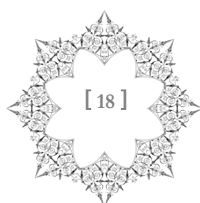
É história contada sem urgência,
com falhas, desvios e cicatrizes.
Nem sempre feita de vitórias,
mas quase sempre vestida de afeto.
Por isso devolve voz
aos cantos esquecidos do tempo.

E entre ditos e silêncios,
entre tudo o que partiu
e tudo o que permaneceu,
ele respira.

Que caiba no breve espaço de um instante
tudo aquilo que a pressa não alcança.

Que o mundo suspenda seu ruído
por um segundo apenas,
para que duas existências se encontrem
sem precisar explicar nada.

E nesse encontro,
onde o vazio perde terreno
e a ausência desaprende seu nome,
o abraço se torna poesia:
não a que se escreve,
mas a que permanece.



APRESENTAMOS

POESIA SIMPLES
POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



Com poesia me revelo,
dela sou confesso réu.
Faço versos como quem abre
uma fresta no próprio véu.

Quanta paixão cabe em um verso?
Talvez o calor de um abraço,
um sonho guardado em silêncio,
um afeto ocupando espaço.

Cabe amor para repartir,
cabe a esperança a crescer.
Quando a poesia me atravessa,
faz a cinza estremecer.

Escrevo por liberdade,
com a intuição a me guiar.
Quero deixar um pouco de verdade
em cada palavra a pousar.

Os versos chegam mansamente,
como chuva chegando ao chão.
E em cada linha que escrevo,
alguém encontra a própria mão.

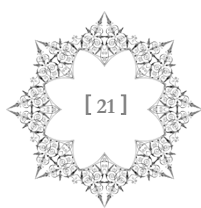
Escrevo para aliviar dores,
para semear leveza no chão,
para lembrar que ainda resiste
um sol aceso na escuridão.

Quero remendar ausências
onde a tristeza fez morada.

Mesmo quando o mundo repete
sua velha canção cansada.

Compadeço-me da vida,
e nela escolho prosseguir.
Transformo a dor em prece humilde,
o medo em razão de seguir.

Se a poesia é coisa simples,
que seja simples assim:
um gesto estendido ao outro,
um pouco de você em mim.



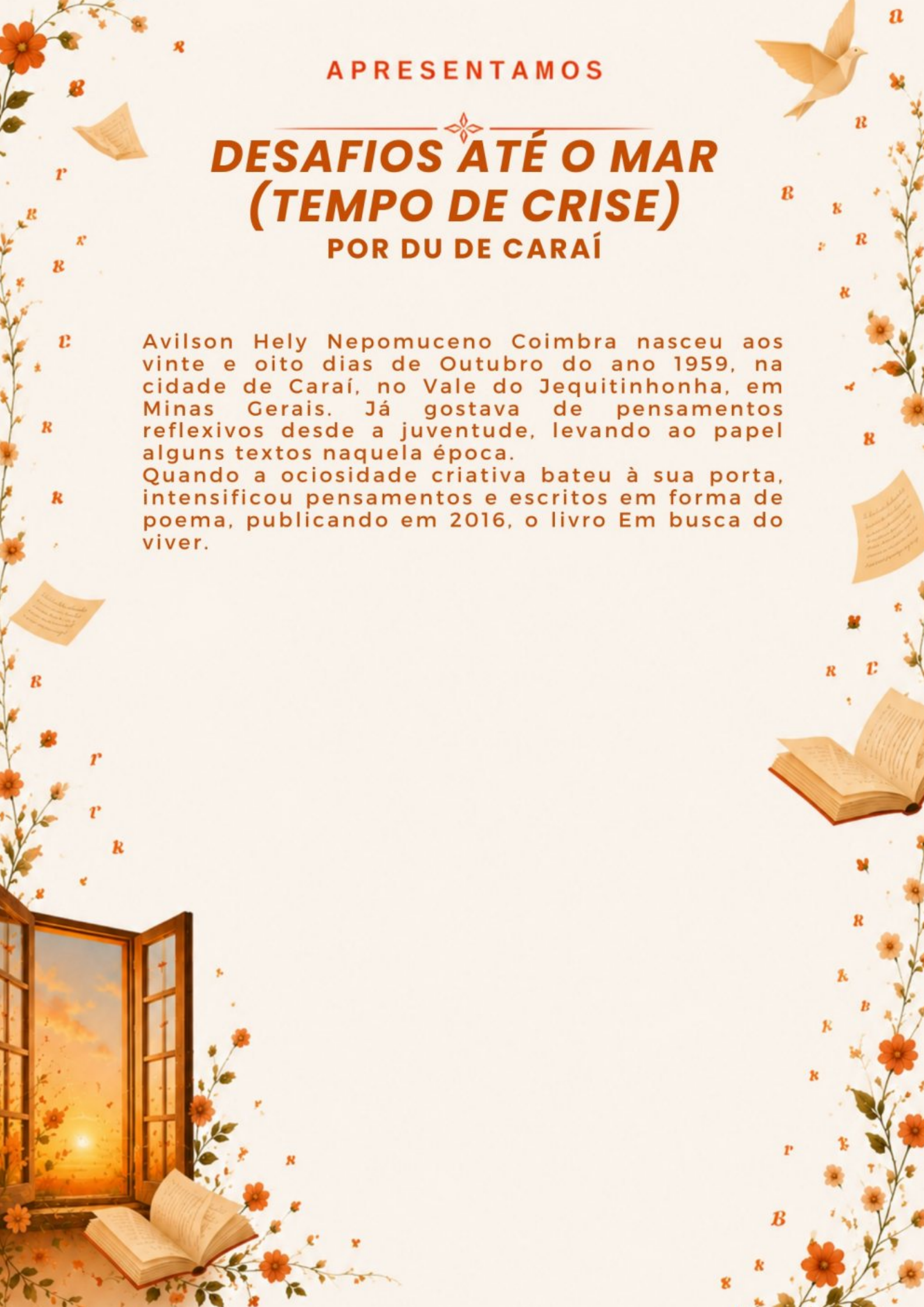
APRESENTAMOS

DESAFIOS ATÉ O MAR (TEMPO DE CRISE)

POR DU DE CARAÍ

Avilson Hely Nepomuceno Coimbra nasceu aos vinte e oito dias de Outubro do ano 1959, na cidade de Caraí, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Já gostava de pensamentos reflexivos desde a juventude, levando ao papel alguns textos naquela época.

Quando a ociosidade criativa bateu à sua porta, intensificou pensamentos e escritos em forma de poema, publicando em 2016, o livro *Em busca do viver*.



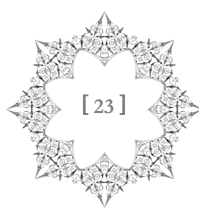
Um rio nasce na fonte primeira
Acorda e limpa os olhos
Vê montanha, avista ribanceira
Antevendo para o mar, sua carreira

Ele vai se avolumando
O sonho vai maiorando
Caminho para o mar, ele, pensando
Os desafios se aproximando

Águas se tornam turvas
A si mesmo, ele não se vê
E são tantas as curvas
Dá vontade de esmorecer

Ele contempla o seu profundo
As margens não lhe são propícias
Em si, mais bondades, que malícias
Fora de si, bem próximas
Realidades duras, não fictícias

O sonho é revigor
É retomada do curso normal
Ao mar, seja quando for
Ao buscar, a chegada é natural



APRESENTAMOS

AINDA QUE...
POR ELIANE VARISTO

Eliane Pereira Dos Santos Varisto, Nasceu em Caçador SC. Em 21//11/1967 morando atualmente em Camboriú /SC Professora aposentada, formada em pedagogias e pós graduada em psicopedagogia. Costuma escrever histórias e poesias com temas de seu cotidiano. Adora viajar e conhecer lugares novos. Momentos estes que sua imaginação vai além e sua inspiração melhor funciona.

Ainda que a flor murche,
Houve o tempo de florescer,
colorir e embelezar.

Ainda que a semente seque
Houve o tempo de crescer se
reproduzir e alimentar

Ainda que a saudade insista em ficar
Houve o tempo de sorrir,
tocar e cantar.

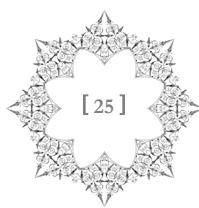
Ainda que o tempo continue a passar
Houve o nascer, o crescer
e o amar.

Ainda que as lágrimas insistam em cair
Houve o tempo de abraçar, cuidar
se despedir.

Ainda que a natureza continue a se modificar
Houve as estações,
a terra e o mar.

Ainda que o universo seja imenso
Houve o Sol, as estrelas
e o luar.

Ainda que a morte venha tudo findar
Há a esperança de em outra vida
Meu amor te encontrar.

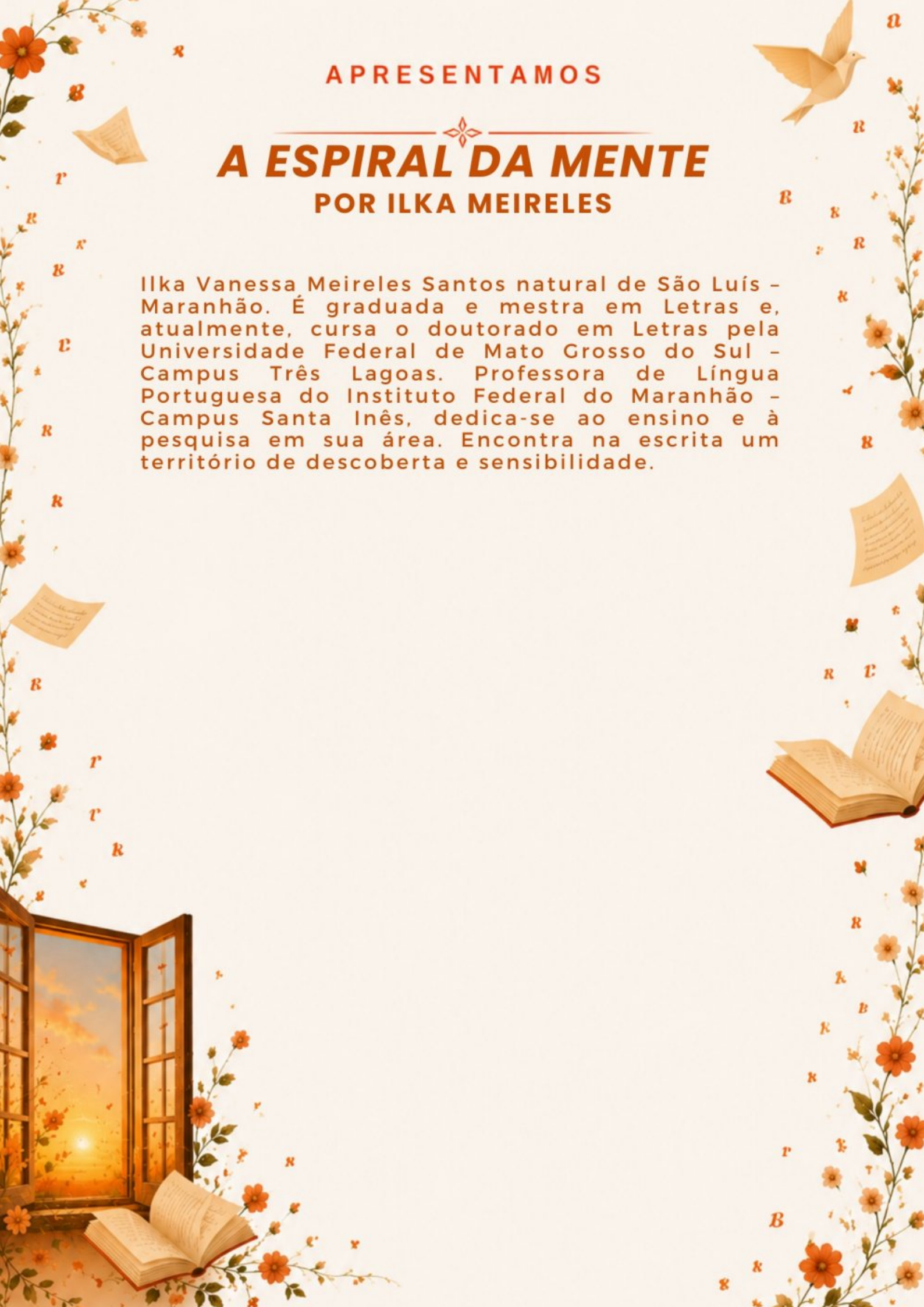


APRESENTAMOS

A ESPIRAL DA MENTE

POR ILKA MEIRELES

Ilka Vanessa Meireles Santos natural de São Luís - Maranhão. É graduada e mestra em Letras e, atualmente, cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Três Lagoas. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão - Campus Santa Inês, dedica-se ao ensino e à pesquisa em sua área. Encontra na escrita um território de descoberta e sensibilidade.



Ah, quão dolorosa é
a espera,
a expectativa por algo.

Minha mente em turbilhão
não para,
sempre em alerta.

Que inferno!

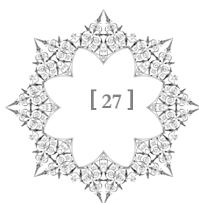
Queria descansar.
Não posso.
Não consigo.
Não me ensinaram.

Só me ensinaram
a produzir,
cada vez mais
e melhor,
mil possibilidades.

Será que algum dia
vai ser diferente?
Queria desligar
o botão desse modus operandi:
boca seca,
coração acelerado,
mãos suadas,
frio interno,
pele transpirando o medo.

Maldita herança.

Onde fica
o botão off?

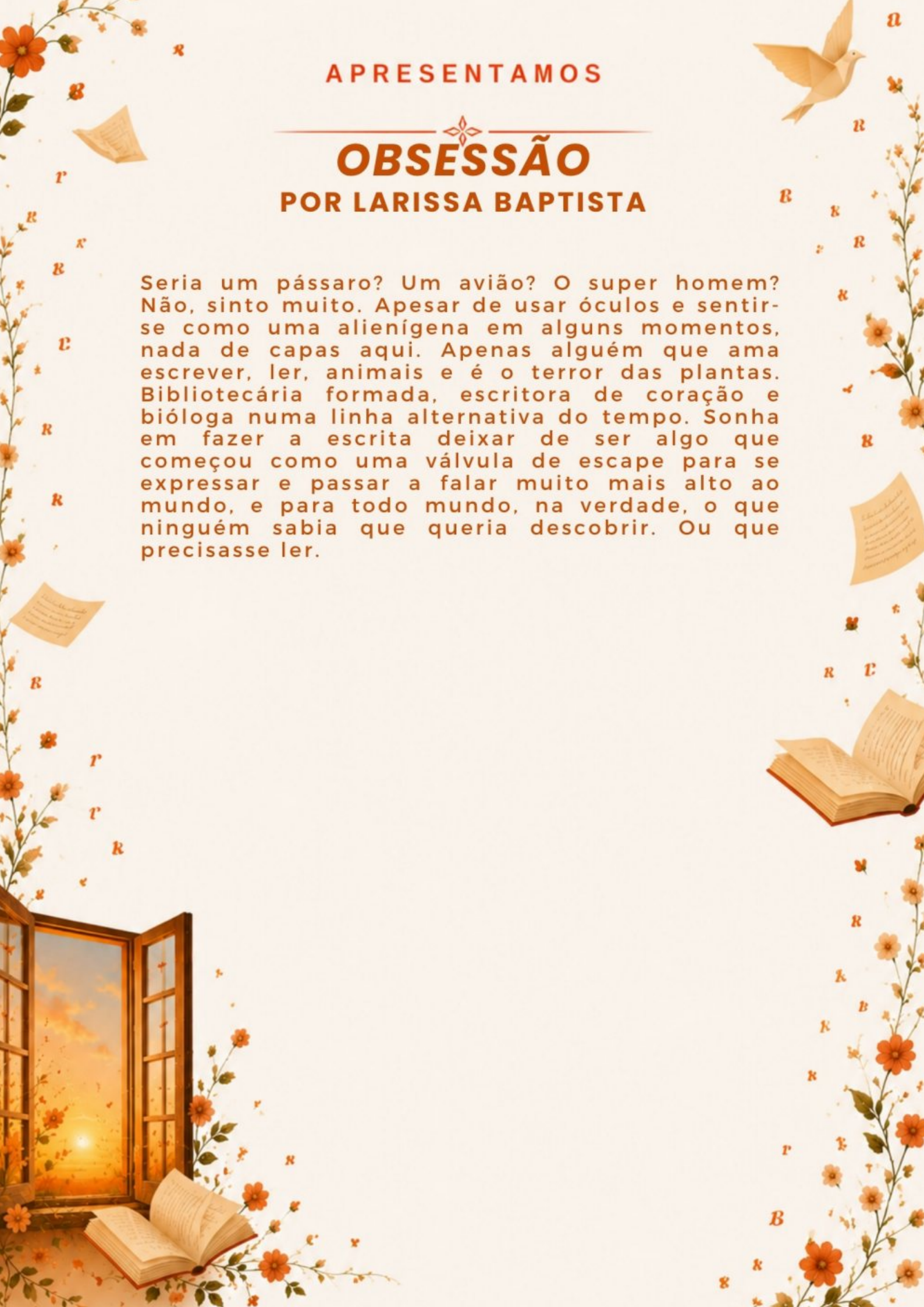


APRESENTAMOS

OBSESSÃO

POR LARISSA BAPTISTA

Seria um pássaro? Um avião? O super homem? Não, sinto muito. Apesar de usar óculos e sentir-se como uma alienígena em alguns momentos, nada de capas aqui. Apenas alguém que ama escrever, ler, animais e é o terror das plantas. Bibliotecária formada, escritora de coração e bióloga numa linha alternativa do tempo. Sonha em fazer a escrita deixar de ser algo que começou como uma válvula de escape para se expressar e passar a falar muito mais alto ao mundo, e para todo mundo, na verdade, o que ninguém sabia que queria descobrir. Ou que precisasse ler.



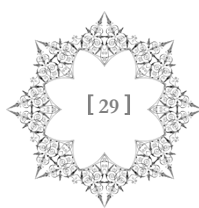
Talvez esteja obcecada
com a obsessão de perceber
que vivo, respiro e reflito
sempre sobre o fato de
estar obcecada.

Sinto obsessivamente
a gana em repetir tudo
que penso, em repassar
tudo; repetir processos e
pensamentos, viver de
um eterno ciclo, presa
ao que não sai de mim,
da minha mente.

Obsessão essa que
me derruba antes mesmo
de começar a agir,
obcecada que fico
ao ponto da paranoia
fazer morada em mim.

Esses dias me apontaram
isso, essa obsessão;
a forma de sempre,
a todo momento,
bater na mesma tecla.

Desde então, confesso,
não parei de pensar nisso;
uma ironia, eu diria
com esse meu perfil
obsessivo.



APRESENTAMOS

MARIANA (MG) DE 1001 UAIS...

I - MARIANAR – A CHEGADA

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Turismo pela UFOP (MG).
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP.
Membro colaborador da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) - SP.
Últimas publicações:
UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), EDUFOP, 2023, e-book.
ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Marianas, MG.

I) Marianar – A Chegada

De Ouro Preto a Mariana
embarca-se no feérico trem
que, para aos de Guignard,
leva-nos a percorrer... viajar
entre pontes... túneis... cânions,
por vales e desfiladeiros.

E o coração voa sem freios
pelos trilhos da imaginação.
Na "Várzea do Funil", a estação
treme-estremece com a saudação
do tenso apito da locomotiva,
que tange como se brasa viva.

A todos, o maquinista convoca,
e assim parte a composição.
No entre-túneis, a história roça
a fábrica de tecidos e a estação
de Vitorino Dias... fantasmais,
mas que logo ficam para trás.

Pois escoia a sinuosa serpente,
seguindo para ao Itacolomi,
pelo Morro de Santo Antônio,
rente a ruínas fantasmais,
pois por ali imprimiu digitais,
cenário onde o século XVIII jaz.

E que povoa toda a paisagem.
Então, na estação da "Passagem",
matriz do ouro nos noventa e nove,

sorvido no ventre da mina,
profunda como uma miragem,
que nos devora as retinas e ecoa.

Tempos de novos sotaques.
Que de povos da África fora,
agora são novos reinóis:
ingleses, italianos, espanhóis,
braços pagos de nova era,
e os trilhos devoram a serra.

A cavaleiro de abismos reais,
por fim abala serra abaixo,
a percorrer arco monumental
nas vértebras do Morro Santana,
e chegam sinais da urbe próxima,
da Praia do Carmo se aproxima.

Ponto final da jornada... enfim,
na seara do engenheiro Alpoim,
adentra na pequena joia rara,
gravada em eclética arquitetura:
Mariana... de mil e um "uais";
Mariana... de Minas, a Primaz.

Quem é que não se emociona
quando se encontra diante
da estação de trem de Mariana,
que convida ao seu deleite,
em Belle Époque atmosfera,
inscrita em sua arquitetura,
e que a tanta gente inspira?

No espaço da tricentenária urbe,
onde a plataforma se estende,

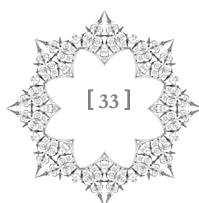
ali, a todos... a cidade saúda
e recebe em matriarcal abraço.
Até James Watt faz-se presente;
no pátio jaz uma Maria-Fumaça
dos tempos de antigamente.

Eis que agora nela ingressa
o trem que vem de Ouro Preto.
Turistas aprendizes urbi et orbi,
da rosa dos ventos do mundo,
para a terra de Mestre Ataíde,
como um abraço a todos convida
a viver os mistérios da cidade.

O que é que esse trem tem?
O que é que tem esse trem?
Esse trem, o que é que tem?
Que mexe tanto com a gente,
que toca tanto com a gente,
que emociona tanta gente?

Esse é o trem que parte
de Mariana para Ouro Preto,
mas também passa por Marte,
por Júpiter... Saturno... Via Láctea.

Esse trem tem o toque de Merlin,
tem a magia de Carlitos... de Arrelia,
tem a fantasia que extasia,
como as telas de Guignard,
pelas montanhas das Gerais,
e nos leva aonde vai a imaginação,
aonde voa a imaginação... vai!



APRESENTAMOS

MARIANA (MG) DE 1001 UAIS...

II – MARIANAR – A CIDADE

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Turismo pela UFOP (MG).
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP.
Membro colaborador da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) - SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Marianas, MG.

II) - Marianar – A Cidade

Quem é que não se emociona
com esse toque de cinema
a envolver o centro de Mariana
quando chega o entardecer
e lenta-lentamente o anoitecer
faz acender as lanternas
suspensas nos sobradões

E sob o manto da noite
o cobertor de estrelas desce
e faz par à lua no horizonte
a lançar dardos de prata
que alumiam os casarões
e prateiam o pétreo chão

Tecendo então cidade-cenário
de mil e uma evocações fonte
indo pela Rua Direita da Matriz
vai-se ao Largo do Inconfidente
Cláudio Manoel que aqui tem raiz
acolá junto à Praça Gomes Freire
espaço vivo em festival de gente

Espectro de Assumar onipresente
rememora o Pátio do Pelourinho
onde se projetam igrejas coloniais
da Senhora do Carmo, a padroeira,
e a Igreja de São Francisco de Assis
somam-se à Câmara Municipal... eis
nosso sacro chão de mil e um uais,
o coração de Minas Gerais... Primaz

Guarda ainda a praça
as raízes de sua presença
no coração de Mariana
o estribo e a ferradura
do Largo da Cavallhada
traduzem a assinatura

Que ali foi antigo Rossio
dos Dragões de Assumar
tempos de bateia pródiga
sorver o Ribeirão do Carmo
do áureo dorso das minas
de Santo Antônio e Santana

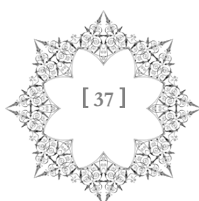
Nessas abertas veias das Gerais
antes do engenho de Alpoim
na régua e compasso traçar
o desenho da urbe trissecular
bem ali quase par à fonte
onde se aborrecia a sede
de toda antiga comunidade
encontra-se o bebedouro
que dizem oculta tesouro
que só se pode revelar
a quem vier Marianar

Desponta ainda na frente do edifício
três letras n'alma da cidade inscritos
eis o Cine Teatro Mariana de outrora
esquina da Frei Durão e Praça Gomes Freire
de tanta gente lugar de memória
dos seriados de faroeste nas matinês

Filas pra assistir Jeca do Mazzaropi
confete e serpentina nos carnavais
romances pra depois do footing
lágrimas quando filme da Paixão
marianenses aí viveram intensamente
o fluir do mundo no escurinho do cinema

A chama do eterno enquanto dura
bravo CTM aceita esse meu convite
passa lá em casa prum cafezinho
e matar as saudades do Mateus
que jura tem prédio que é que nem gente
respira transpira conversa chora
é assim... quando lhe passo em frente!

No centro da praça o pelourinho
um pelourinho no centro da praça
um pelourinho feito de pedra
uma pedra no meio do caminho
um pelourinho no meio da praça
no meio da praça um pelourinho



APRESENTAMOS

MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... III – MARIANAR – GENTE

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Turismo pela UFOP (MG).
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP.
Membro colaborador da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) – SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Marianas, MG.

III) Marianar – Gente

Ah! Mariana de Minas Gerais
onde desfio os meus uais
nas pautas de Moura Santos
sobre casos e ‘causos’ da Primaz

Mariana sempre e eternamente
alfa e ômega do inspirado vate
que nos convida simplesmente
aos plurais da singular cidade

O dia a dia do povo a correr
como o Ribeirão do Carmo
fluindo no engenho e arte
que nos abraça... marianamente

Era uma vez... era uma vez
muitas luas e sóis pra trás
bem perto de enorme gameleira
onde três bicas d’água brotavam

De lá a jardineira partia
de Mariana pra Mina da Passagem
onde trabalhava uma mineira
flor nativa que fazia de mim

Um passageiro da alegria
mas má fortuna veio um dia
Beatriz e toda família
foram pro Rio de Janeiro

Desde então, feito cachoeira,
despencam do calendário fevereiros

e como o bardo e Florença
hoje é reminiscência

A presença daquela jardineira
que levava minha flor
paixão de vida inteira
que não se extingue com a razão

E vira e mexe ganha vazão
mais que Ribeirão do Carmo
que corta o coração da cidade
rima que arde com minha saudade

Nasceu lá em Portugal
entre o Douro e o Minho
depois bateu pé... abriu caminho
atravessou oceano... e, no Rio,
ganhou palco e ruas da capital

Então em Minas Gerais deitou raiz
como “Zé Pereira da Chácara”
fez-se tradição em Mariana
colorido bloco de Carnaval
com seus animados bonecos

Grandes como a felicidade
agitando e animando os foliões
pelas pétreas ruas da cidade...
“E viva o Zé Pereira
que a ninguém faz mal
viva o Zé Pereira
no dia de Carnaval”

Que Mariana é terra de bandas
bandas e mais bandas e mais...

não há como negar... não há
não há como torcer o nariz

Algumas das mais antigas do país
que no século XIX deitam raiz
eis Sociedade Musical São Caetano
de mil oitocentos e trinta e seis

Vem lá de Monsenhor Horta
e inda hoje faz retreta
na Praça Gomes Freire a animar
sua tradução da alma popular

Da rosa-dos-ventos da Primaz
sob batuta de maestros de escol
em dias de festival... ei-las,
tal constelação... onze estrelas



APRESENTAMOS

MARIANA (MG) DE 1001 UAIS...
IV – MARIANA – MARIANAR
POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Turismo pela UFOP (MG).
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP.
Membro colaborador da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) – SP.
Últimas publicações:
UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), EDUFOP, 2023, e-book.
ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Marianas, MG.

IV) Mariana – Marianar

O coração tremestremece
nessas montanhas de Minas
ainda mais quando se trilha
pelas ruínas do Morro Santana

Do Santo Antônio... Parque do Go-Go
tempos do ouro... nervo principal
fonte-seiva-alimento
do ventre pantagruélico

Da Coroa de Portugal
a dourar templos e palácios
demandar do Rio... o Valongo
da Europa colonos mineiros

D'África navios negreiros
ecos pétreos soprando com o vento
testemunhas-monumento
da história universal

Nessa Macchu Picchu mineira
Serra Pelada de outrora
o olvido deitou raiz... teceu manto
nas asas do silêncio desceu mato

Mas do silêncio nasceu esse canto
pra ecoar pela rosa dos ventos
mundo vasto mundo olhai por nós
presentes em Mariana... Minas Gerais

Caboclo d'Água como um E.T.
com sua presença horripilante

que não há palavras no dicionário
que possam descrevê-lo corretamente

De vez em quando... de quando em vez
lá em Furquim... lá em Monsenhor Horta
também pelos lados de Bandeirantes
por toda região ele se faz presente

Meio macaco... meio galinha
com um toque de lagartixa
e um cheiro de clorofila e lama
aparece-desaparece num repente

Dizem até que é um mutante
ao Homo Sapienssaurus Rex... a ACAM
é que tem incomensurável missão
de esclarecer se é fato ou imaginação

Até parece que foi ontem
que ela esteve ao meu lado
curtindo um céu enlutarado
prateando as águas do lugar

Onde andarà a guria
que esculpia em meu coração
o amor é eterno enquanto dura,
enquanto é chama e paixão?

Dos meus olhos brotam agora
como minas d'água duas nascentes
recordação daqueles instantes
que, feito cachoeira, ganham vazão

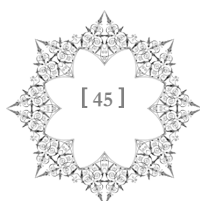
Cachoeira do Brumado... Cachoeira do Brumado
de Mariana... Minas Gerais

Cachoeira do Brumado... Cachoeira do Brumado
dos meus uais... dos meus ais

Chegou Bença Valentim
que vem lá do Catete
do coração de Mariana
pra fazer apresentação
animar a gente presente
com alegria no coração

Muito couro muito batuque
no toque da percussão
com o pique e repique
que não há quem fique
com os pés colados no chão

Tem ciranda... lundu... congo
tem samba... reggae... jongo
tem África... Brasil... Minas
chegou Bença Valentim
trazendo muita animação



APRESENTAMOS

MARIANA (MG) DE 1001 UAIS... V - MARIANA - SURREAL

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Turismo pela UFOP (MG).
Formado em Engenharia Elétrica pela EESC-USP.
Membro colaborador da ALSCAR (Academia Literária de São Carlos) - SP.

Últimas publicações:

UFOPIANAS (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), EDUFOP, 2023, e-book.

ALMANAQUE DE SÃO CARLOS-SP (V) - Uma universidade para São Carlos. Editora Dom Veloso, 2024, Marianas, MG.

V) Mariana – Surreal

Não... não é enredo de ficção
embora história invulgar
que em Mariana tem lugar
e nesta balada vou cantar.
Era uma vez uma capela
que um dia sumiu... desapareceu

Muita gente até pensou
que foi juntar-se às sublimes
paisagens oníricas de Guignard
e o fato foi de fato mais trivial.
Depois de três séculos no arraial,
testemunha dos homéricos dias

Dos tempos dos bandeirantes,
o sacro nicho decidiu passear,
respirar novos ares das Gerais,
novas alturas e belos horizontes.
E fez que fez que, por fim,

Acabou até por multiplicar-se,
fazer um ensaio de entropia,
testar teses de Clausius e Boltzmann.
Mas quem sabe um mago... algum dia,
uma maga patológica... uma Madame Min

Possam bolar um Durepoxi capaz, enfim,
de colar a Capela Santana do Morro
no lugar e por fim ter um final feliz...
junto de sua comunidade outra vez!

Veja só, meu camarada,

esse fato que vai por aí,
“Blowing in the Wind”,
pelas serranias de Mariana

Entre ruínas do “Parque Go-Go”,
tema para Samuel Beckett.
Enquanto não sai do papel,
continua esperando Godot

Feito alma sem corpo,
aqui incrustado nas Gerais,
feito universo à parte,
Micro-England teve lugar e vez

Súdito da rainha Elizabeth,
até agraciado como Sir,
distinção-mor do Império Inglês,
fiel anglicano... na Primaz

Elegeu-se emérito dirigente
do Executivo local... mas,
agora, mais de século depois,
como se fosse um sô... jaz
entre ruínas de campo santo,
no Go-Go... esperando Godot

Quadro da exposição... O Bispo
está suspenso na parede,
estático... teso... onipresente,
com uma feição
de que a qualquer momento...

O Bispo
está suspenso no silêncio,
como se no ventre do vácuo,

com uma tensão
de que a qualquer momento...

Vai explodir a tela e a parede
e gritar: o paraíso existe...

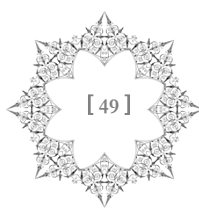
Apagam-se as luzes do Novecento,
humanidade dobra o século XX,
o “football” ganha sua atualidade
e aqui em Terra Brasilis deita raiz

Pois eis que em Mariana está a matriz
do esporte bretão em Minas Gerais,
quase par ao feito de Charles Muller
lá na capital bandeirante ter vez

Ali na Mina da Passagem os ingleses
do “Britanic”, em mil novecentos e dois,
celebram o grito de “goal” mineiro
na terra do ouro... trens... e uais

Estão do esporte bretão as digitais.
Se de why saiu uai... agora pé é “foot”,
que logo mais tem italianos... espanhóis
a formar times de futebol nas Gerais

Até que Pelé, nato lá em Três Corações,
fez-se sua mais completa tradução.

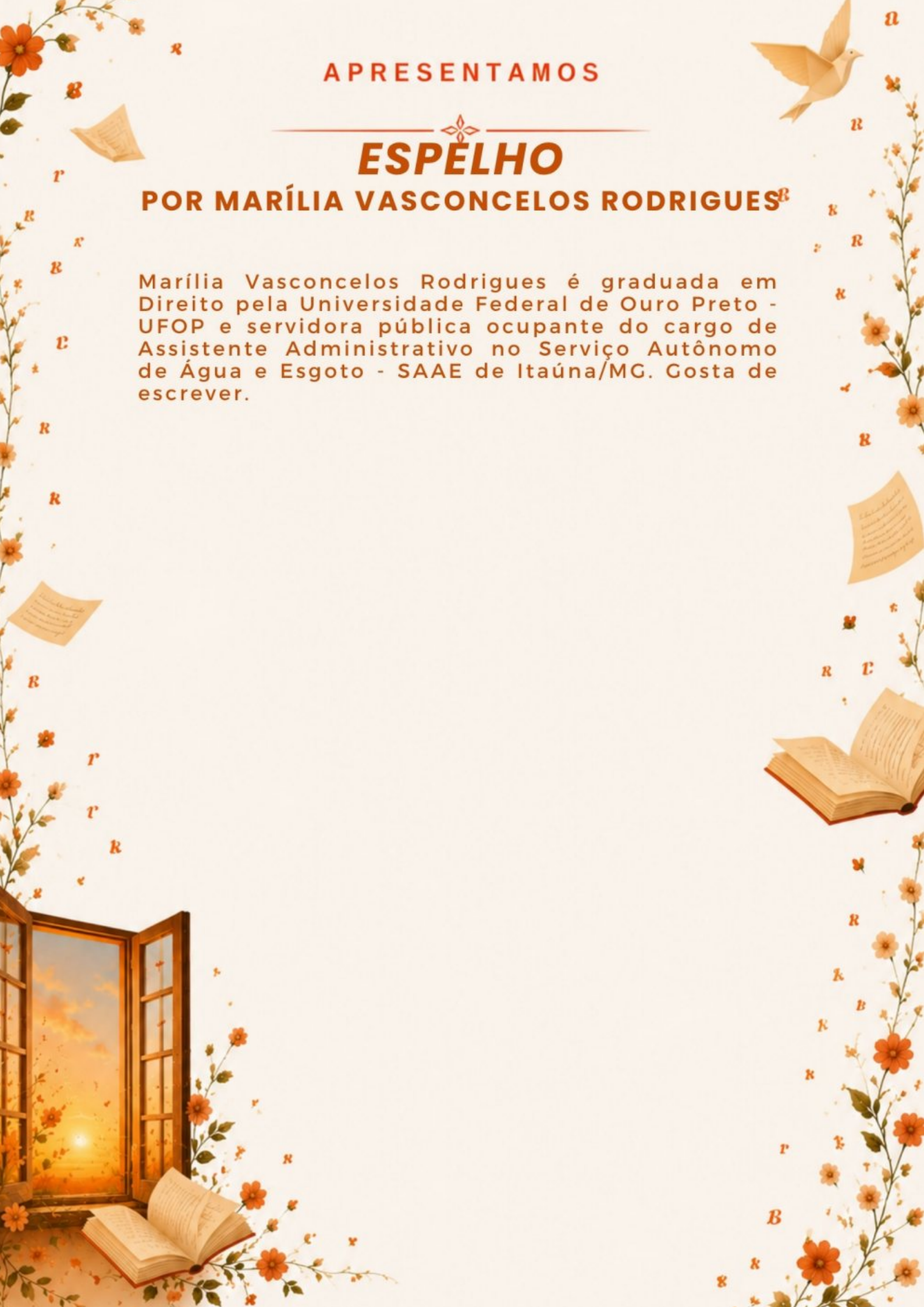


APRESENTAMOS

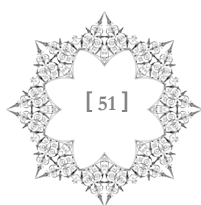
ESPELHO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



O espelho vê gente
sorriso e dente
olhos e pranto
o móvel do canto
o rival do canário.
De repente, a mudança de cenário
tudo se desfaz
e sem olhar para trás
vê outra dimensão.
Quem mudou o espelho de posição?

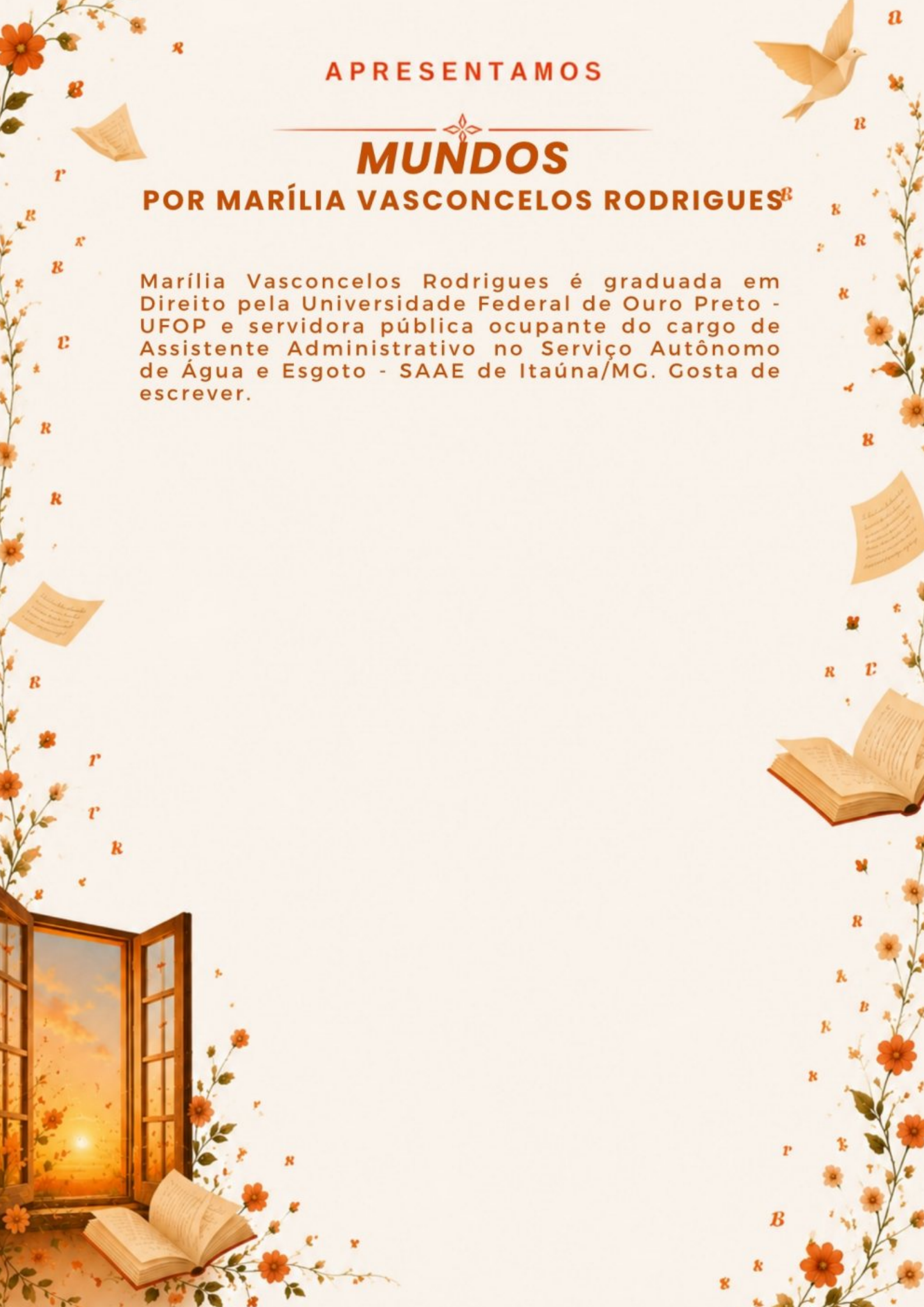


APRESENTAMOS

MUNDOS

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

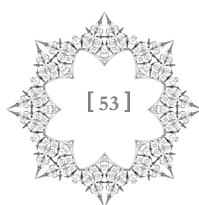
Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Olhar fixo no nada,
de onde surge uma estrada.
Escape para o mundo da Lua,
onde tudo flutua.

Onde alcanço as estrelas
sem ter que perdê-las.
Seguem comigo sem perguntar
quanto tenho ou consegui alcançar.

Caminho por diversos mundos
e, em poucos segundos,
volto à Terra para lembrar
que não perdi a capacidade de sonhar.



APRESENTAMOS

PAZ
POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras.

Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália.

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



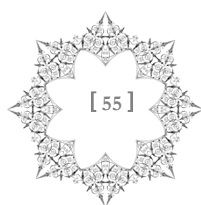
A paz que eu quero ter
não provém de perdas ou solidão.
Nem detém diante dos obstáculos da vida,
ou me contém, distorce, denigre.

A paz que eu quero ter
é oriunda da imersão de pensamentos,
não dos descasos, dos casos banais, rituais...
Que povoam quase toda humanidade.

A paz que eu quero ter
é uma questão de vida, sentida...
uma distração de sentidos omissos,
a disparidade de opiniões, sensações.

A paz que eu quero ter
Não se desfaz com pouca coisa...
ela é firme, fremente, semente forte
plantada em terra firme, não oprime.

Enfim, a paz que eu quero ter
todos querem... É complacente, clemente
Só dignifica e clarifica a alma da gente!



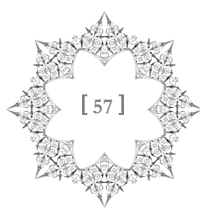
APRESENTAMOS

AS FLORES NÃO FALAM

POR ROSA MARIA

Rosa Maria, nascida no Rio de Janeiro, e com 18 anos desbravou o mundo se tornando independente e cheia de sonhos, desta forma, conquistou bens materiais, muitos amores, muitas realizações e decepções e hoje com 62 anos em um relacionamento há seis anos, novamente é surpreendida com dissabores, provando que a poesia que a acompanha desde infância continua sendo sua maior aliada.

Quando faltam cores, as flores não falam da alegria da vida, apenas sentem.
O mundo cinza, aperta o peito que grita em silencio a falta de você.
Na imensidão do ser ou não ser, do que está certo ou errado, se é sentimento ou dependência, confunde a respiração e os passos ficam incertos.
Na luz divina encontro a paz que se mistura com desejos e esperanças em um planejamento preventivo de dores menores, que nunca tem fim.
O olhar vazio se completa com a insensibilidade que se forma como um escudo
Sigo automatizada, poupando-me do medo que me assola.
A vida tá lá fora, e eu aqui dentro ansiosa por viver as cores do mundo.



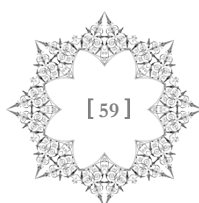
APRESENTAMOS

DESEJOS
POR SANDRA GRIPPI

Sandra Grippi é uma escritora apaixonada por contar histórias que exploram emoções humanas e o cotidiano. Socióloga de formação e professora universitária, também envolvida com educação infantil, dedica-se a escrever contos e poemas, buscando inspiração em experiências pessoais e na observação do mundo ao seu redor. Procura manter o olhar curioso sobre a vida e os relacionamentos interpessoais, desenvolvendo narrativas leves, baseadas na empatia, ética e comunicação clara.



Queria ter sido eu a escrever
Uma linda mensagem que li
Queria ter sido eu a cantar
Uma bela canção que ouvi
Queria ter sido eu a falar
Sem medo de errar
Sem medo de ofender
Sem medo de não pertencer
Queria ter sido eu a amar
Sem medo de perder
Queria ter sido eu
Inteira
Inquieta
Curiosa
Falante
Sorridente
Emocionante
Honesto comigo mesma!

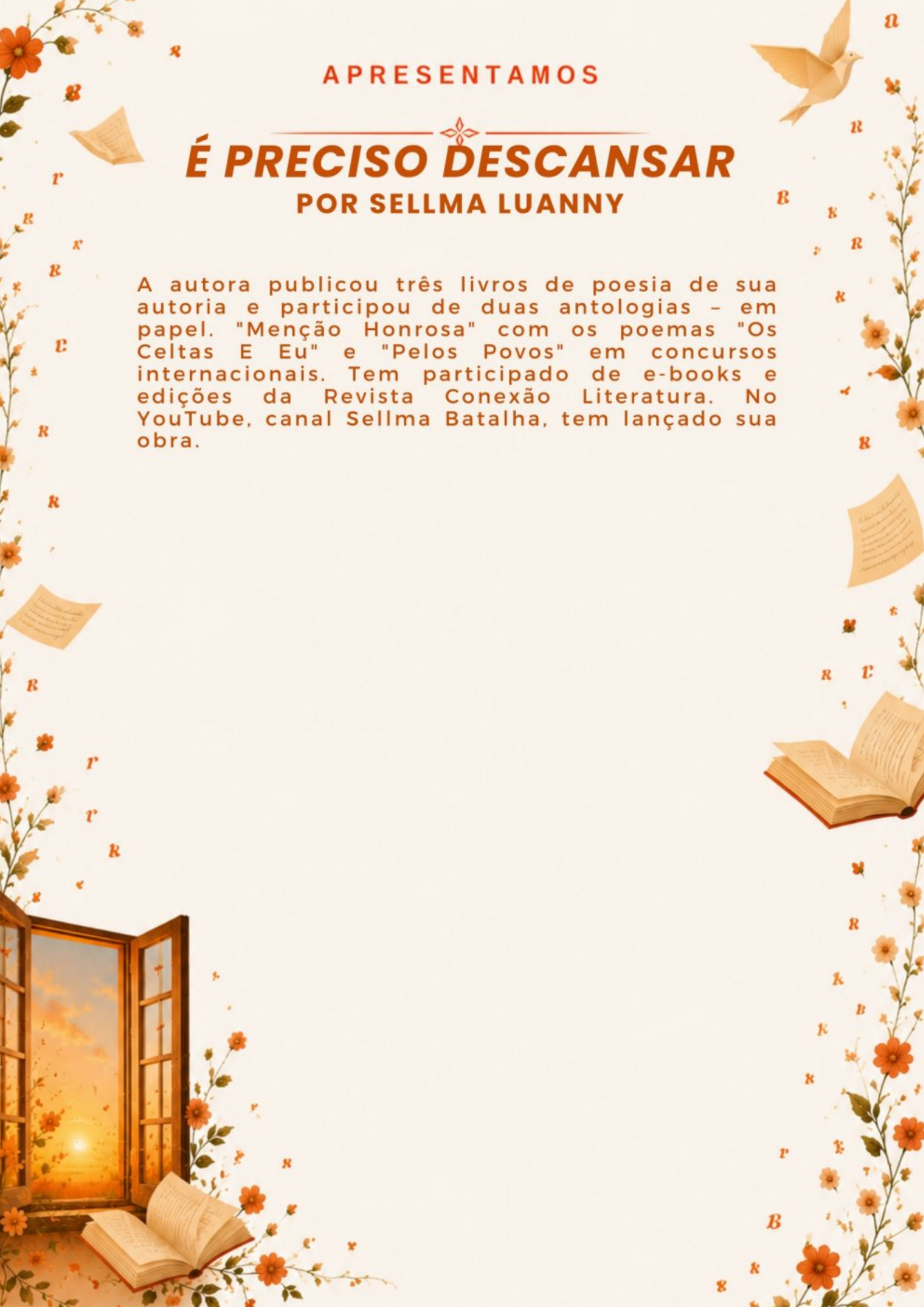


APRESENTAMOS

É PRECISO DESCANSAR

POR SELMA LUANNY

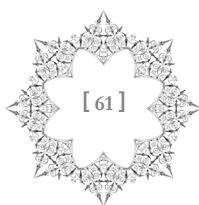
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



"Dar um basta"!...
Chega de querelas!
Trancar no armário,
todas as tolices
e no travesseiro
a cabeça permitir
repousar.

É isso mesmo!
Um impasse
e duas saídas:
por estresse
definhar
ou tranquila dormir
e sobreviver.

Assegurar a paz
que abalada,
das mãos
rapidamente, escapa.
Primordial resolução:
deste pântano
sair viva.

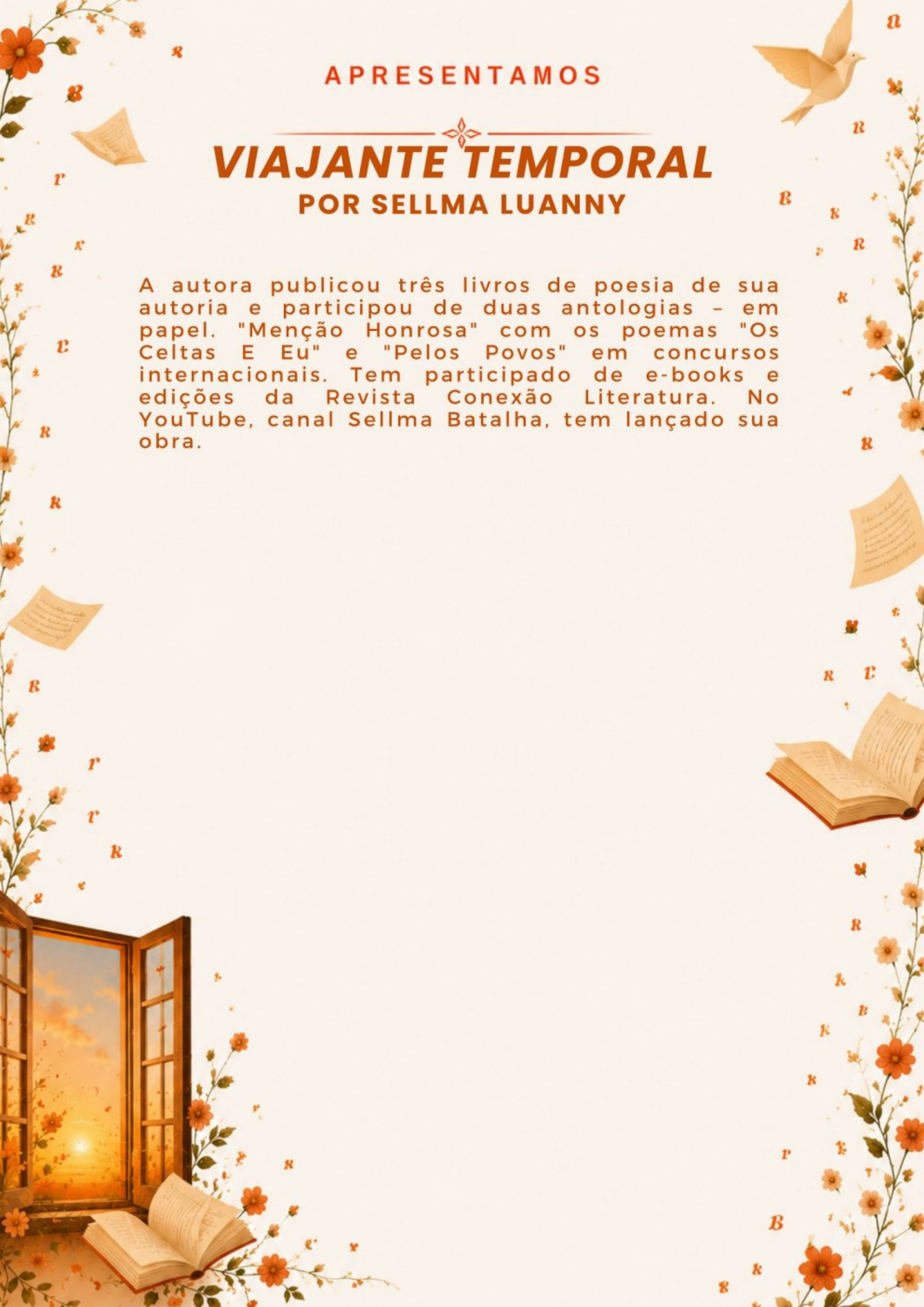


APRESENTAMOS

VIAJANTE TEMPORAL

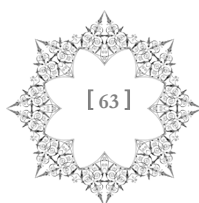
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



As estações
por mim,
passam...
e por elas,
passo eu...
Num diluir de elétrons...
átomos e moléculas.

Elas vêm e vão...
trazem e levam.
E eu numa só direção...
carregada.
Eu não retorno e não trago...
só sigo.
Sem intenções...
empurrada.



APRESENTAMOS

**E SE MULHER FOSSE
TRADUZIDA...
POR VÂNIA MEDINA**

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas (RS) no ano de 1959, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1984. Desde 1985 reside em Jaguarão (RS) onde atuou profissionalmente nas áreas de arquitetura, fotografia e jornalismo escrito e televisivo.

Retornou à universidade pouco antes da pandemia, formando-se em Fotografia e Bacharela em Jornalismo, ambos na Cruzeiro do Sul, Unifran. Em 2024, concluiu graduação em Ciência da Felicidade, UniCesumar, Maringá, área pioneira no Brasil. Possui algumas pós-graduações.

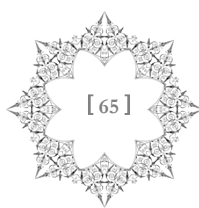
Tem como propósito a atuação voluntária, atuando em diversas entidades e iniciativas sociais e culturais, colocando sua experiência profissional e habilidades pessoais a serviço da comunidade.

Na gota de sangue que pulsa sem parar
Na flor vívida da idade sem hora
Nem lugar para chegar
Na presença que transtorna o movimento
Na ambiguidade, poder
Na força para lutar, vibrar
Na turbulenta sede de terra, céu e mar
Brilho do ar, voar!
Por seus passos fluídos, saltitantes, mutantes
Proporcionais, essenciais
Flutuantes em um jardim encantado de cetim
Vermelho carmim...

E na escuridão? Vide bula!
Arrebatamento inabalável...

Deixa assim, só ser...
Naturalmente em paz!
Transparecido no espaço, físico!
Transpassado, inundado
Duradouro, amado!
Múltiplo! Plácido!
Fugaz, enternecido,
Fragmentado de dentro para fora
Sentido, absorvido e restaurado!

E se a sua beleza fosse emoldurada e sempre
Incondicionalmente validada,
Única e amada?
Arte cena primordial teatral
Voo feminino avassalador, despido
Paradoxal! Ou não?
Mulher...



APRESENTAMOS

É JOGO?

POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas (RS) no ano de 1959, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1984. Desde 1985 reside em Jaguarão (RS) onde atuou profissionalmente nas áreas de arquitetura, fotografia e jornalismo escrito e televisivo.

Retornou à universidade pouco antes da pandemia, formando-se em Fotografia e Bacharela em Jornalismo, ambos na Cruzeiro do Sul, Unifran. Em 2024, concluiu graduação em Ciência da Felicidade, UniCesumar, Maringá, área pioneira no Brasil. Possui algumas pós-graduações.

Tem como propósito a atuação voluntária, atuando em diversas entidades e iniciativas sociais e culturais, colocando sua experiência profissional e habilidades pessoais a serviço da comunidade.

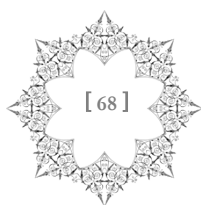
Opa! É a Seleção brasileira!
É aí que o tempo prende a respiração e a
Esperança abre as asas!
O sangue ferve, a mão sua.
A razão ignora.

No campo todos são heróis!
E na garganta o brado preso
Espera agoniado arrebentar no grito do goooooooooo!
E que quando a bola toca a rede certa
Parece que, em cheio, o chute atingiu o coração que impactado
transborda a alegria,
Consagração!
Cada minuto tem suas regras próprias, incoerentes,
Inconsequentes, desconexas
No jogo a fé muda de lado
Na vitória
O tempo é precioso demais, curtinho
Na derrota
Cada segundo parece tão longo, além da conta
É batalha contra o relógio!

Quem é mesmo o adversário?
Isso não importa! Tem que ganhar!
No mínimo empatar!
É um corre-corre, bola para lá bola para cá, desafiante.
Rede balança, bola na trave, impedimento, escanteio, lateral!
Tudo Igual, mas sempre tão diferente!
Valoroso, imprevisível!
E os sons da torcida?
Descontrolados, surreais, devaneio!
Em cada lugar vibrante!

Sinto a multidão dispersa, mas unida na mesma emoção pungente
Desse inacreditável momento
Quase inatingível, mágico!
E dentro de mim transborda, pulsa, sou pertencente, oscilante!
Um complexo vazio, um repleto indefinido, contagiante!
Torcer vira poesia
Paixão incontrolável!

Não entendo nada de futebol!
Que lugar é esse?



APRESENTAMOS

POÉTICO ENTRELAÇO DE AMIZADE

POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas (RS) no ano de 1959, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1984. Desde 1985 reside em Jaguarão (RS) onde atuou profissionalmente nas áreas de arquitetura, fotografia e jornalismo escrito e televisivo.

Retornou à universidade pouco antes da pandemia, formando-se em Fotografia e Bacharela em Jornalismo, ambos na Cruzeiro do Sul, Unifran. Em 2024, concluiu graduação em Ciência da Felicidade, UniCesumar, Maringá, área pioneira no Brasil. Possui algumas pós-graduações.

Tem como propósito a atuação voluntária, atuando em diversas entidades e iniciativas sociais e culturais, colocando sua experiência profissional e habilidades pessoais a serviço da comunidade.

Ela veio de lá!
De lá, de onde eu vim
De camafeu e quindim
Pintosa
Cheirosa
Gloriosa
Esqueceu de voltar
Continuou se desenrolou!
Charmosa, Flor de jardim secreto, amor agarradinho!
Floresceu, desabrochou!

Conta seus segredos
Só para mim.
Brilho no olho e tons inquietantes
Cativantes
De colar, brinco, anel e pulseira
Faceira! Brejeira!
Amiga, mega aventureira!
Pé na estrada, sol na areia!
Seu nome se confunde,
Se mistura
A princesas e rainhas
Elegantes, altaneiras.

Onde ela está?
Longe bem longe!
Do lado de lá!
Além-mar, voar, voar, voar...
Carregada de malas grandes
Cheias de inúmeros valores!
Gira, volteia, expande
Rodopia por aí!

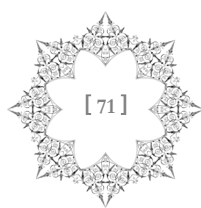
Diversão, brincadeira

Festa e folia!

Plena de alegria para viver!

Croque madame! Croque monsieur?

Empire State, Champs-Élysées!



APRESENTAMOS

DO INQUIETANTE CAOS À INCOMPREENSÍVEL INVEJA

POR VÂNIA MEDINA

Vânia Regina Medina Baucke nasceu em Pelotas (RS) no ano de 1959, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 1984. Desde 1985 reside em Jaguarão (RS) onde atuou profissionalmente nas áreas de arquitetura, fotografia e jornalismo escrito e televisivo.

Retornou à universidade pouco antes da pandemia, formando-se em Fotografia e Bacharela em Jornalismo, ambos na Cruzeiro do Sul, Unifran. Em 2024, concluiu graduação em Ciência da Felicidade, UniCesumar, Maringá, área pioneira no Brasil. Possui algumas pós-graduações.

Tem como propósito a atuação voluntária, atuando em diversas entidades e iniciativas sociais e culturais, colocando sua experiência profissional e habilidades pessoais a serviço da comunidade.

No fino fio do Arrepio
Olhos claros vidrados
Em um corpo estirado, paralisado
Refletido no vidro estilhaçado
Já partido, espiritualizado,
Sem cor sem vida,
Disforme, desluzido.
Sangrado, em nó!

Ao seu lado, o algoz,

Que o silenciou e o deixou abandonado
A um inexistente porvir,
Razão inconsequente, desvalida, cega.
Pó!

Quando o dia encontrou a noite
Ainda no cinzento sombrio
O sentido se perdeu desqualificado
Desfeito, alucinado.

No fundo do escuro.
Os ossos desprenderam-se da carne,
Desgrudando-se, pegajosos, livres...

E no vazio infinito
Traçaram riscos emaranhados
Impossíveis.

De longe viam-se os restos viscosos
tragados!

E não sobrou nada...

Na segunda vez
Que o ataque voltou
Estridente. Agudo. Atordoante.

Ninguém viu.

A silhueta atravessou a cena
Sem permissão.

Dessa vez,
O sangue não estancou, jorrou
Transbordou.
A ausência o fez parar.
O branco inteiro se manchou.
O rosto, irreconhecível!

O primeiro, ele.
Depois, ela.
Quem os ceifou deste mundo
Guarda o segredo velado, contido:
A incapacidade de pertencer.

Escondia-se na crítica sussurrada,
Nos elogios sutis, simbólicos
Na delicadeza fingida.
E foi assim
Que se abriram as feridas profundas,
Em cortes lancinantes, sem dó!

Até que no recomeço
No círculo vivo

os seres emergiram audazes, avassaladores!

Inexplicavelmente sós!

Enigmáticamente sós!





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.**

CLIQUE AQUI!

